

P.0066

CONJUNTO UNIVERSITÁRIO CANDIDO MENDES
CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS - CEAA

III CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALADAA

MESTIÇAGEM E IDENTIDADE NACIONAL

RENATO CRIZ

MESA: PRESENÇA DA ÁFRICA NO BRASIL - IV
(RAÇA, CULTURA E IDENTIDADE)

F

861

CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS
BRASILIA

F
861

cias Sociais. Os primeiros estudos sobre o negro somente se iniciaram com Nina Rodrigues, já na última década do século. Eles são no entanto realizados sob a égide das teorias raciológicas que não hesitam em afirmar a superioridade da raça branca em relação a negra. Muito embora essas teorias sejam questionadas a partir da Primeira Guerra Mundial, sua influência leva um autor como Oliveira Vianna, ainda escrever em plena década de 20, ^{sob a influência de} um pensamento ~~passado~~ fundamentado nas premissas racistas legadas por intelectuais do século passado(3). Fica porém a pergunta: qual a razão desta mudança tão radical que transubstancia o elemento mestiço, produto do cruzamento com uma raça considerada como inferior, em categoria que apreende a própria identidade nacional?

Parece não haver dúvida que a ideologia de um Brasil-cadinho começa a se forjar no final do século XIX. É neste momento que surge pela primeira vez a afirmação de que o brasileiro é um produto da mestiçagem de três raças. O livro de Sílvio Romero, "História da Literatura Brasileira", publicado em 1888, revela de maneira exemplar este novo tipo de interpretação do Brasil que, por um lado procura diagnosticar os problemas sociais, por outro elabora os termos de uma nova identidade nacional. Na realidade para os intelectuais do final do século, o mestiço é a linguagem através da qual se compreende a questão social brasileira. O certo porém é que, apesar dos esforços realizados, a identidade produzida é ainda ambígua, pois o processo de mestiçagem é visto sob o prisma das teorias raciológicas que atribuem ao negro uma posição

(3) - Ver Oliveira Vianna, Evolução do Foco Brasileiro, S.P., Cia Ed. Nacional, 1938. Ver também T. Midonete, Proto-racismo, M.J., Paz e Terra, 1976

racial inferior. O produto do cruzamento entre brancos, índios e negros, é portanto ambivalente, ele encerra a positividade de uma raça mas contém a negatividade das outras.

É portanto na virada de século que é construída, como a considerará Roberto da Mata (4), uma fábula das três raças. A idéia de "fábula" é interessante, mas talvez fosse mais preciso falarmos em mito; o conceito de mito implica em um ponto de origem, um centro a partir do qual se irradia a história mítica. Na verdade a ideologia do Brasil-cadinho relata a epopéia de três raças que se fundem nos laboratórios químicos das selvas tropicais. Como nas sociedades primitivas ele é um mito de origem (a do modernizado brasileiro), ponto de partida de toda uma cosmogonia que antecede a própria realidade. Sabemos em Antropologia que os mitos tendem a se apresentar como eternos, imutáveis, o que de uma certa forma se adequa ao tipo de sociedade em que são produzidos. Torna-se assim difícil apreender o momento em que são realmente elaborados; o antropólogo opera sempre a posteriori e tem poucos elementos para fixar as origens dos universos simbólicos. Em uma sociedade como a nossa o problema se coloca de maneira diferente, pode-se datar o instante da emergência da história mítica, e não é difícil perceber que esta "fábula" é engendrada quando a sociedade brasileira passa de uma economia escravista para outra de tipo acentuadamente capitalista, de uma organização monárquica para republicana, e que se busca resolver o problema da mão de obra incentivando-se a imigração européia. É neste contexto de profunda transformação socio-econômica (o Brasil inicia seus primeiros passos na industrialização) que a problemática racial se coloca. Se o mito da mestiçagem é ambíguo é por

(4) - Roberto da Mata, Relativizando, Petrópolis, Vozes, 1981

que existem dificuldades concretas que impedem a sua plena realização no momento em que é produzido. A sociedade brasileira passa por um período de transição, o que significa que as teorias raciológicas, quando aplicadas ao Brasil, permite aos intelectuais interpretar a realidade, mas não modificá-la. Em jargão antropológico eu diria que o mito das três raças, na ocasião em que é engendrado, não pode ainda se ritualizar pois as condições materiais para sua existência são ainda puramente simbólicas. Ele é linguagem e não celebração. A um período de transição corresponde uma identidade incompleta.

Quando se lê um livro como "O Cortiço", publicado em 1890, pode-se perceber as dificuldades que rondam os intelectuais na interpretação de uma sociedade como a nossa. O destino que é o que Aloísio de Azevedo reserva a um dos personagens centrais da trama literária, Jerônimo, é ~~estereotípica~~ ^{original}. Jerônimo, imigrante português, chega ao Brasil com todos os atributos conferidos à raça branca: força, persistência, previdência, gosto pelo trabalho, espírito de cálculo. Sua aspiração básica: subir na vida. Porém, ao se amaziar com uma mulata (Rita Baiana), ao se "aclimatar" ao país (troca a guitarra pelo violão baiano, o fado pelo samba), ele se abrusileira, isto é, torna-se preguiçoso, amigo das extravagâncias, sem espírito da economia e da ordem. No início do romance Jerônimo ocupa a mesma posição social que João Romão, outro português, que também participa das qualidades étnicas da raça branca. É bem verdade que Aloísio de Azevedo apresenta João Romão com um grande desprezo, e que o autor não deixa de se seduzir pelo caráter sensual e alegre do mulato brasileiro. Não obstante, o desfecho da história é claro e parábólico. João Romão, calculista e am

bicioso ascende socialmente; Jerônimo, ao se abasileirar não consegue vencer a barreira de classe e permanece "mulato" junto à população mestiça do cortiço. Na linguagem sociológica Simmel diria que as qualidades atribuídas à raça branca são aquelas que determinam a racionalidade do sistema capitalista. Ao se retirar do mestiço o espírito de racionalidade, os intelectuais do século XIX ^{estão} negando, naquele momento histórico, as possibilidades de desenvolvimento, reais e completa, do capitalismo no Brasil. Ou melhor, eles tem dúvidas em relação a este desenvolvimento, pois a identidade forjada é ambígua e reúne pontos positivos e negativos das raças que se cruzam.

A partir das primeiras décadas do século XX o Brasil sofre no entanto mudanças profundas. O processo de industrialização e de urbanização se acelera, uma classe média se desenvolve, surge um proletariado urbano. Se o modernismo é considerado por muitos um ponto de referência é porque este movimento cultural trouxe consigo uma consciência da história que até então se encontrava esparsa na sociedade. Ao se cantar as asas do avião, o telégrafo, o cinema, o fox-trot, o que se estava fazendo era apontar para a gama de transformações que ocorriam no seio da sociedade brasileira. Com a revolução de 30 as mudanças que vinham ocorrendo são orientadas politicamente, o Estado procurando impor um ritmo que consolide o desenvolvimento de um capitalismo brasileiro. Dentro deste quadro as teorias raciológicas tornam-se obsoletas, era necessário superá-las, pois a realidade social impunha um outro tipo de interpretação do Brasil. A meu ver o trabalho de Gilberto Freyre vem atender a esta nova demanda social. Muito embora seus estudos tendam mais a representar a ideologia

de uma camada de intelectuais tradicionais que sonham nostalgicamente com um futuro no passado, não é menos verdade que sua proposta de compreensão do Brasil não deixa de ser atual, e se adequa bem ao momento em que é elaborada. Não é por acaso que nos anos 30 existe uma unanimidade entorno do pensamento de Gilberto Freyre; da esquerda à direita ele é considerado um marco, uma referência. ^{Porém} Pouco se tem no entanto perguntado ^{pela} qual a razão deste consenso que une setores tão antagônicos da vida brasileira; creio que ele se dá na medida em que os diversos segmentos políticos buscam por uma mesma coisa, uma carteira de identidade para o homem brasileiro.

Carlos Guilherme Mota em seu livro sobre a "Ideologia da Cultura Brasileira" acredita que os anos 30 foram decisivos na reorientação da historiografia brasileira. Partindo de um testemunho de Antônio Cândido ele considera tres obras mestras deste período: "Evolução Política do Brasil" de Caio Prado (1933), "Casa Grande e Senzala" de Gilberto Freyre (1933), e "Raízes do Brasil" de Sérgio Buarque de Holanda (1936). A colocação como esta formulada sugere, mesmo que se atribua significados diferentes à obra de cada autor, que pelo menos durante este momento específico eles desfrutavam a mesma posição intelectual. Costaria de propor uma outra linha de interpretação. Creio que Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado estão na origem de uma instituição recente na sociedade brasileira: a universidade. Neste sentido eles são fundadores de uma nova linhagem que busca no universo acadêmico uma compreensão distinta da realidade nacional. Gilberto Freyre a meu ver, representa o ápice da re-

na outra estirpe que se inicia no século passado, mas que se prolonga até hoje em quanto ideologia. Por exemplo, o discurso do Estado sobre política de cultura, re toma em vários pontos seu pensamento, e ao definir o ser nacional como "mestiço" e democrático" incorpora oficialmente uma argumentação que durante os anos 50 sofreu inúmeras restrições das escolas sociológicas que se desenvolveram em São Paulo (Flo restan Fernandes) e no Rio de Janeiro (Guerreiro Ramos). É curioso observar que os trabalhos de Gilberto Freyre pouco a pouco se afastam da Universidade, eles são desconsiderados em relação aos novos estudos que se elaboram sobre a problemática do negro. Porém o declínio deste pensamento na esfera acadêmica corresponde um movimento de oficialização. Quando se lê um documento como o Plano Nacional de Cul tura, pode-se perceber o quanto a ideologia de um Brasil mestiço impregnou os meios governamentais(5).

Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado significam rupturas, não somente pela qualidade do pensamento que produzem, mas sobretudo pelo espaço social que criam e que dá suporte material às suas produções. Gilberto Freyre simboliza continuidade e permanência de uma tradição, por isso ele vai produzir seus escritos fora desta ins tituição "moderna" que é a universidade, trabalhando numa organização que segue os moldes dos antigos Institutos Históricos e Geográficos do passado. Não há ruptura entre Sílvio Romero e Gilberto Freyre mas reinterpretação dos mesmos problemas pro postos pelos intelectuais do século passado. Arthur Ramos dizia que para se ler Nina Rodrigues bastava trocar o conceito de raça pelo de cultura(6). A afirmação pode

(5) - Ver Plano Nacional de Cultura, MEC, 1975

(6) - A. Ramos, Le Métissage au Brésil, Paris, Hermann, 1952

talvez parecer simplista mas creio que encerra uma boa dose de veracidade. Gilberto Freyre reedita a temática racial e a constitui em objeto privilegiado de estudo, em chave para compreensão do Brasil. Porém, ele não vai mais considerá-la em termos raciais como faziam, Euclides da Cunha ou Nina Rodrigues, na época em que escreve as teorias antropológicas que desfrutavam de estatuto científico eram outras, ele se volta assim para o culturalismo de Boas. Ao se substituir o conceito de raça pelo de cultura elimina-se uma serie de dificuldades colocadas anteriormente a respeito da herança atávica do mestiço. Mas a operação que "Casa Grande e Senzala" realiza, um livro sem dúvida genial, vai mais além. Gilberto Freyre transforma a negatividade do mestiço em positividade, o que permite completar definitivamente os contornos de uma identidade que há muito vinha sendo desenhada. Só que as condições sociais eram agora diferentes, a sociedade brasileira já não mais se encontrava em um período de transição, os rumos do desenvolvimento eram claros e até mesmo um "novo" Estado procurava orientar essas mudanças. Apesar de produzido por uma camada de intelectuais que eram ideologicamente contrários a orientação política do Estado que emerge com a revolução de 30, o mito das tres raças (Brasil, produto da aculturação) ~~das raças~~ somente pode se realizar no momento em que se consolidam as transformações por que passa a sociedade. Ele torna-se assim plausível e pode se realizar como ritual. A ideologia da mestiçagem, que estava aprisionada nas ambiguidades das teorias racistas, ao ser reelaborada se difunde socialmente e torna-se senso comum ritualmente celebrado nas relações do cotidiano ou nos grandes eventos como o carnaval e o fu-

tebol. O que era mestiço transforma-se em nacional.

A operação simbólica que identifica o mestiço ao nacional tem como resultado imediato a elaboração de uma identidade do povo brasileiro. Esta não é no entanto um puro produto ideológico pois existem bases materiais para que se transforme em cultura. O mito das tres culturas, ao se difundir socialmente torna-se hegemônico e que permite aos indivíduos das diferentes classes sociais e dos diversos grupos de cor, interpretar, dentro do padrão proposto, as relações raciais que eles próprios vivenciam. Isto coloca um problema interessante para os movimentos negros.

Na medida em que a sociedade se apropria das manifestações de cor e as integra ^{no discurso} ~~tu-~~ nível do nacional tem-se que elas perdem sua especificidade. Vários autores tem insistido na dificuldade de se definir o que é o negro no Brasil. O impasse não é a meu ver simplesmente teórico, ele reflete as ambiguidades da própria sociedade brasileira. A construção de uma identidade nacional mestiça deixa ainda mais difícil o discernimento entre as fronteiras de cor. Ao se promover o samba ao título de nacional, o que efetivamente ele o é atualmente, esvazia-se sua especificidade de origem, que era de ser uma música negra. Quando os movimentos negros recuperam o soul americano para afirmar sua negritude o que se esta fazendo é uma importação de matéria simbólica que é resignificada no contexto brasileiro. É bem verdade que o soul não supera as contradições de classe ou entre países periféricos e centrais, aliás não era isso que se espera dele, mas eu diria que de uma certa maneira ele "serve" (no sentido de Malinowski) melhor para exprimir a angústia e a

opressão racial do que o samba, que se tornou nacional. O problema que os movimentos negros se deparam é o de como retomar as diversas manifestações de cor que já vem muitas vezes marcadas com outros significados, por exemplo o de brasilidade. Uma vez que os próprios negros também se definem como brasileiros tem-se que o processo de resignificação torna-se problemático. O mito das três raças é neste sentido exemplar, ele não somente encobre os conflitos raciais como possibilita a todos de se reconhecerem como nacionais.

Belo Horizonte 30 de junho 1983

Renato Ortiz
Departamento Sociologia e
Antropologia (UFMG)

COMISSÃO UNIVERSITÁRIA DE LICENCIAMENTO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UFMG
Rua João Augusto, 63 - Belo Horizonte - Brasil